



Implantação do relógio do corpo humano no fortalecimento dos saberes e práticas das plantas medicinais no campo e na cidade.

Implementation of the Human Body Clock in strengthening knowledge and practices of medicinal plants in the countryside and in the city.

JESUS, Cicera¹; BARROS, Ellen²; ROQUE, Hanny³; SOUZA, Magda⁴; NOGUEIRA DA SILVA, Gércica⁵; SILVA, Lourinalda⁶

^{1,2,3,4,6}UFRPE, ¹ciceramariasnk@hotmail.com ²Ellen.barros@ufrpe.br; ³hanny.larissa@ufrpe.br;

⁴Magda.souza@ufrpe.br; ⁶lourinalda.silva@ufrpe.br; ⁵Sesc Serra Talhada, gersicam@sescpe.com.br.

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: A saúde integral perpassa por várias áreas da vida de uma pessoa, como educação, moradia, alimentação saudável, lazer, esporte dentre outros. O objetivo desse trabalho foi sistematizar práticas da implantação do Relógio do Corpo Humano (RCH) como uma ferramenta de prevenção e promoção da saúde integral no campo e na cidade. Planejamentos participativos, rodas de diálogos de saberes e práticas da educação popular de saúde foi o nosso instrumento de articulação para o diálogo sobre os nossos órgãos e o relógio do corpo humano e sua relação com as plantas medicinais. Identificar estas plantas em cada comunidade/territórios respeitando e valorizando estes saberes e práticas. Foram implantados 5 RCH, sendo que dois foram no campo e uma oficina foi realizada com as guardiãs da vida. Cada RCH implantado apresenta uma grande diversidade de material genético e de saberes ancestrais, tradicionais e populares que irão fortalecer as saúdes e agroecologia presente em cada comunidade/território.

Palavras-Chave: saúde, ervas, curandeiras

Contexto

A agroecologia sendo prática e movimento é uma ciência que contribui na construção de conhecimento de forma participativa. Respeitar e aprender com a natureza de forma holística, com toda a complexidade e ensinamentos que são adquiridos pelos povos que habitam o campo, agricultores, quilombolas e indígenas. Influenciando também a cidade a construir uma agroecologia urbana, a agroecologia é um caminho viável e necessário para a produção digna e consciente de alimentos e na promoção da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. Oferece uma abordagem sistêmica e integrada à natureza para responder concretamente ao problema de acesso nutricional (LÖSCH et al., 2022).

As plantas medicinais também estão inseridas na agroecologia. Na Região Metropolitana do Recife-PE (RMR) temos uma associação que há mais de 20 anos contribui através da agricultura urbana, as Farmácias Vivas, no beneficiamento, produção e comercialização de produtos tradicionais fitoterápicos nas feiras agroecológicas, contribuindo na prevenção e tratamento de saúde das populações,



sendo que esta prática dialoga diretamente com a Política Nacional de Plantas Medicinas e Medicamentos Fitoterápicos (PNPMF) e a Política Nacional de Práticas Integrativas Complementares a Saúde (PNPICS), que este ano completaram 17 anos, mas que de fato ainda não alcançou as ações que a AMARFITSA (Associação dos Manipuladores de Remédios Fitoterápicos Tradicionais Semiartesanal do Estado de Pernambuco) já alcançou no período anterior de existência.

A AMARFITSA é uma entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, que foi criada em novembro de 2009. Esta Associação é composta por cinco laboratórios: Centro de Educação e Formação em Medicina Popular (CEFOMP), Centro de Práticas Naturais de Saúde de Camaragibe (CEPRANSC), Grupo de Saúde Condor e Cabo Gato (GSCCB) e o Centro de Saúde Alternativa de Muribeca (CESAM) e o Centro de Saúde da Várzea (CESAV). Estes laboratórios são referência no que diz respeito a prevenção e promoção de saúde desde o cultivo até a produção dos Produtos Tradicionais Fitoterápicos (PTF), sempre de portas abertas a receber vários profissionais e em destaques os da saúde que recebem formação nestes laboratórios vivos.

Outra referência em formação em Educação Popular e em Saúde é a Escola de Formação Paulo Freire, localizada no Assentamento Normandia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que oferece o curso Pé no Chão e também está vinculada a Residência de Saúde no Campo. O centro também recebe vários grupos de estudantes de escolas e universidades que vivenciam experiências na educação, na saúde e na tecnologia de produção de alimentos que estão presentes no Assentamento. Todo esse conjunto está diretamente relacionado a saúde integral na sua forma mais ampla dos cuidados com a saúde.

As mulheres do Projeto Guardiãs da Vida: Multiplicando Saberes, coordenado pela Cáritas Diocesana de Pesqueira, são coletoras e guardiãs de sementes da Mesorregião do Agreste Pernambucano. Estas mulheres foram selecionadas a participarem de uma formação que tem como um dos objetivos preservar e conservar o material genético endêmico da sua localidade, por serem multiplicadoras desses saberes, fazeres e práticas. E foi através dessa parceria que surgiu a oportunidade dessas mulheres participarem da oficina sobre o RCH.

Outro local foi de implementação do RCH foi o Centro de Educação Ambiental (CEA), instituído em maio de 2022, no Sesc Serra Talhada-PE. As ações do CEA objetivam despertar a consciência crítica e a sensibilização quanto a importância da sustentabilidade e da conservação do bioma Caatinga. O espaço de ensino não formal adota práticas que consideram a convivência com o semiárido, por meio da disseminação dos conhecimentos tradicionais e das tecnologias sociais, dialogando com aspectos socioambientais na relação campo-cidade.

As práticas integrativas estão presente no nosso país ainda de forma tímida, já que temos a PNPICS e estamos distantes, dessa forma, fazer saúde voltada para o campo é mais desconhecida. A Medicina Tradicional Chinesa é uma medicina que



foi e é praticada pelas populações camponesas da China e aqui no Brasil ela é chamada de complementar. Atualmente a Organização Panamericana de Saúde (OPAS) reconhece estas práticas como nenhuma é melhor que a outra se elas não estiverem integradas e as denominando de Medicina Tradicional Complementar Integrativa (MTCI). O Relógio do Corpo Humano (RCH) é um horto medicinal que aponta que plantas medicinais podem ser utilizadas para tratar órgãos em determinado horário de funcionamento deles. Esses diálogos de saberes e práticas fortalece o uso racional das plantas medicinais evitando a utilização em horários inadequados e efeitos tóxicos, além de garantir uma diversidade de saberes, praticas e plantas medicinais em um só lugar que seja acessível para todas as pessoas das comunidades/territórios (VELLOSO, 2005).

O objetivo desse trabalho foi sistematizar as experiências e oficinas realizadas no campo e na cidade, desde a implementação de Relógio do Corpo Humano (RCH), que aconteceram entre os anos de 2017 e 2023, no Estado de Pernambuco.

Descrição da Experiência

Foram 6 experiências sobre a implantação do RCH, sendo um deles no formato assíncrono. A educação popular de Saúde é um dos nossos pilares no processo de socialização dos saberes e fazeres em saúde. Desde os reconhecimentos das plantas medicinais, como também, o reconhecimento dos nomes dos órgãos do corpo humano. Os nomes e as plantas variam muito de comunidades, municípios, povos tradicionais e região, por isso é importante identificar quais são as plantas medicinais e quais os nomes populares que elas as reconhecem. As pessoas envolvidas nas atividades foram estudantes do curso técnico em agroecologia do Serviço de Tecnologia Alternativa (Serta), envolvendo agricultoras, agricultores, professoras, professores, estudantes universitários dos cursos de engenharia florestal, biologia e agroecologia.

Em seguida, foi realizado o planejamento do designer do RCH, que é esférico e contém 12 fatias. O nosso corpo funciona com uma variação de 2 horas de um órgão para o outro. Os ponteiros são demonstrados nas placas com o nome dos órgãos e seu horário de funcionamento, por exemplo, Fígado (01h-03h) e no seu canteiro ou fatia terá plantas medicinais que auxiliam o fígado, como por exemplo, o boldo brasileiro.

Foram implantados 5 RCH: o primeiro no XX Encontro dos Estudantes de Engenharia Floresta da UFRPE, Recife-PE em 2017; o segundo na Boa Vista com o Coletivo de Agricultura Jupago Kreka, do povo Xukuru do Ororubá, Pesqueira-PE, em 2018; o terceiro no CEFOMP, com os estudantes do curso técnico em agroecologia do Serta, 2019; o quarto na Escola de Formação Paulo Freire no Assentamento Normandia, Caruaru – PE, 2022 e por último o do CEA Serra Talhada-PE, em 2023.



Os materiais utilizados na estrutura física do RCH foram tijolos, bambu, pneus, podas de árvores e qualquer material disponível. O material genético foi doado e em alguns lugares específicos, já tinha muita diversidade de plantas medicinais para serem introduzidas nas fatias do RCH. O tempo e o tamanho de RCH pode variar, vai depender das pessoas disponíveis e também da demanda de utilização do horto medicinal. O sistema de irrigação geralmente é pro gotejamento, mas isso também vai depender de quem irá fazer a manutenção do RCH.

A oficina assíncrona sobre o RCH foi realizada com as mulheres Guardiãs da Vida, no período da noite, iniciando às 19:00 h. Foi realizado a confecção do círculo em papel, para que cada uma desenhasse seu RCH e acrescentasse em cada fatia as plantas medicinais que foram socializadas no momento dos diálogos de saberes e fazeres.

Resultados

Os momentos das atividades sempre são de encantamentos e de muita identidade da partilha desses saberes e fazeres. Aqui tivemos implantação do RCH no campo e na cidade, sendo que as implantações do campo a construção e diversidades de como se da a socialização dos saberes e fazeres é muito mais participativo do que na cidade. Percebemos que os espaços que implantamos na cidade são de formação de educação formais, não-formais de saúde e educação ambiental. No Coletivo de Agricultura Jupago Kreka, do povo Xukuru do Ororubá, no centro do RCH foi plantada a Jurema Sagrada e depois foi entoados cânticos depois de finalizar a implantação (Figura 02). Geralmente é introduzido a babosa pelo centro do RCH representar a pele, que é o maior órgão do corpo humano, mais para o Povo Xukuru, a Jurema Sagrada no centro representa da força dos encantados e da floresta.

O Centro de Formação Paulo Freire foi o único espaço da educação do campo que foi implantado o RCH, em 2022. Inclusive a atividade foi realizada em parceria com o curso de Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, curso de Formação Pé no Chão, as residências em Saúde do Campo e Saúde e Agroecologia. Foi iniciada a atividade socializando a proposta da implantação, que havia sido discutida previamente com os estudantes do curso de agroecologia que estavam em atividade de imersão na Escola Paulo Freire, sendo uma novidade para a maioria das pessoas. Foi feita uma grande roda e os grupos de trabalho divididos. As tarefas foram: limpeza do espaço indicado pela escola, seleção do material genético de acordo com os órgãos, divisão dos 12 canteiros com auxílio da trena e nivelamento. Por último, o material genético e as placas foram introduzidos para identificar cada canteiro. Em média tinham 30 pessoas, o tempo de trabalho foi um dia e meio para finalizar o RCH com diâmetro de 6 metros (Figura 01).



O RCH foi apresentado aos visitantes no CEA Serra Talhada, por meio da realização de visitas mediadas ao quintal produtivo, na atividade de Educação em Ciências e Humanidades. No período de março a junho de 2023, foram realizadas 20 visitas mediadas, contemplando 724 estudantes e população geral, tanto da cidade, como do campo. O quintal produtivo do CEA contempla além da horta medicinal - no modelo RCH, um sistema de aquaponia, um cactáceo, horta convencional em mandala, viveiro de mudas, composteira, e mais recentemente a implantação de círculo de bananeira e meliponário. O RCH foi implantado com uma parceira da UAST/UFRPE durante as disciplinas de Saúde Pública, Química Orgânica e o Laboratório de Química Aplicada à Fitoterápicos (LaQAF), em 2023 (Figura 03).

Observamos que cada RCH implantado tem saberes e práticas com a identidade das pessoas, do lugar e das plantas medicinais introduzidas e com isso uma diversidade de conhecimentos ancestrais, tradicionais e populares da saúde nas comunidades e territórios contribuindo nessa diversidade das saúdes e agroecologia.



Figura 01. RCH da Escola de Formação Paulo Freire, Assentamento Normandia, Caruaru-PE



Figura 02. RCH na Boa vista, aldeia Couro Dantas, Pesqueira-PE.



Figura 03. RCH do CEA, Sesc Serra Talhada-PE.

Agradecimentos

Ao CEFOMP pela parceria e contribuição, Paulista-PE. A Escola de Formação Paulo Freire, Caruaru-PE pelos aprendizados. Ao CEA Sesc de Serra Talhada-PE pela parceria com a UAST/UFRPE Ao Coletivo de Agricultura Jupago Kreka, do povo Xukuru do Ororubá, Pesqueira-PE pela parceria e aprendizados. A Cáritas Diocesana de Pesqueira-PE, pela oportunidade com as Guardiãs da Vida.

Referências bibliográficas

LÖSCH, E. L.; BRICARELLO, P. A.; GAIA, M. C. de M. Agroecologia e segurança alimentar em tempos de pandemia de Covid-19. **Revista Katálysis**, 25 (3), 551–559, 2022. Aceso em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022>.

VELLSO, C. C.; WERMANN, A. M.; FUSIGER, T. B. **HORTO MEDICINAL RELÓGIO DO CORPO HUMANO**. EMATER/RS, Putinga-RS, 2005.